

Escolha um dos três temas seguintes para a sua redação. Em qualquer caso, você pode acrescentar às idéias do autor as suas idéias, que podem ser discordantes. Depois de ler os textos de apoio e escolher o tema, disserte sobre o assunto em **20 linhas**, no mínimo.

Valha-se de seus próprios recursos expressivos, o que não significa que não possam ser utilizadas palavras do texto. Mas é claro que frases dele constantes somente podem ser copiadas como citação, devendo ficar entre aspas. Não esqueça de dar um título ao seu texto.

TEMA N.º 1

Texto de apoio: “**Gente demais**”, escrito em 1989 por Rachel de Queiroz e colocado no livro *As Terras Áspers*.

Ah, vida penosa! Tudo tão difícil, tão sofrido, tão sem jeito. A discórdia, as disputas, as mentiras. O grevismo. Pensando bem, quem sabe os males do mundo não decorrem do fato de, neste mesmo mundo, estar havendo gente demais? Já não se morre tanto como antigamente. A perspectiva de vida das pessoas subiu de modo incrível. Na época da nossa independência, o tempo médio de vida dos brasileiros talvez não passasse dos 40. Hoje alcançou os 70 e, nas áreas mais adiantadas já estão falando em 80. A medicina evoluiu tanto que, neste final de século, andam esquecidas quase todas as grandes doenças que outrora dizimavam populações. Ninguém morre mais de varíola, de bubônica, de tifo, de febre amarela. O impaludismo acaba onde chega o mata-mosquito. Quase não se morre mais de parto, de apendicite, de hérnia. Fora das faixas de pobreza, baixam muito os índices de mortalidade infantil. A tuberculose, a grande Peste Branca, ficou para trás, contemporânea da Dama das Camélias. Até a lepra hoje se cura. Os males da velhice são combatidos com êxito e o milagre da ponte de safena já se faz nos hospitais públicos, deixando de ser privilégio dos ricos.

E quando a ciência se mostra ainda impotente, como acontece com o câncer e com a Aids, os sábios enfrentam com tal gana o desafio que, com certeza, em breve o vencerão.

E agora eu pergunto: estará mesmo dentro dos planos de Deus tanta gente pulando na face da terra? Mais de um bilhão de chineses, por exemplo, estariam previstos no Gênesis, quando o Senhor contemplou a sua criação e achou que tudo estava bem? Não haveria chineses demais, e russos, e americanos, e indianos – e brasileiros?

Os criadores de gado e de outros bichos sabem que não se pode ter rebanho acima das possibilidades de pasto. Passando certo limite, tem que vender, mandar para o corte, embora com uma dor no coração. Então nós, que somos o rebanho do Senhor, não teremos excedido as possibilidades do nosso sustento, não carecemos de ser reajustados? Como Deus não vende corpos (o próprio Diabo só se interessa por almas), ele então suscita epidemias, terremotos, enchentes, revoluções, guerras. E como tem conosco o compromisso de nos permitir o livre-arbítrio, deixa que a podagem a façamos nós mesmos – e por isso ela é tão perfeita.

Instrução:

E o (a) candidato (a), também acredita que há muita gente no mundo? Também acha que os recursos naturais da Terra não alimentarão por muito tempo tantas pessoas? Exponha sua opinião sobre o assunto.

TEMA N.º 2

Texto de apoio: fragmentos do artigo “**Até onde a Amazônia pode resistir?**”, publicado na revista VEJA nº 1676, de 22/11/2000.

Do Descobrimento até o final da década de 70, apenas 4% de toda a Amazônia havia sido devastada. Isso corresponde a arrancar menos que um gomo de uma laranja. Nos últimos vinte anos, já se foram mais dois Gomos. Hoje, a área desmatada da floresta equivale á de um país como a França. Essa ainda seria uma situação confortável se o futuro não promettesse coisa muito pior. Caso nada seja feito para estancar a destruição, daqui apenas vinte anos poderão restar somente 28% de mata virgem na Amazônia, na hipótese mais benigna, ou ainda menos – 4,7% -, a se confirmarem as hipóteses mais pessimistas levantadas pelo grupo de cientistas liderado pelo biólogo americano William Laurence, pesquisador do Smithsonian Tropical Research Institute, um dos centros de pesquisa da prestigiosa Smithsonian Institution dos Estados Unidos, e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus.

Laurence, de 43 anos, criou um modelo de previsão matemática do desmatamento com base nas obras construídas na Amazônia. Ele é autor de mais de cinquenta artigos e de dois livros sobre a região e vive em Manaus há cinco anos. Metido em bermudas largas, camisas pólo e sandálias, é capaz de passar horas

PROCESSO SELETIVO CONTÍNUO – PSC2002

REDAÇÃO

sobre um pequeno computador portátil redigindo seus textos e fazendo cálculos. Com sua fórmula, o cientista projetou quanto pode ser destruído em volta de cada obra planejada no programa Avança Brasil, que começou a ser implementado pelo governo em janeiro deste ano. O que ele analisa, no fundo, é a medida da ocupação humana na maior reserva florestal contínua do planeta, uma região que abriga quinze vezes mais espécies de peixes que todos os rios europeus, guarda 20% da água potável do mundo e tem a maior linhagem de aves, primatas, roedores, jacarés, sapos, insetos e lagartos da Terra.

Nas projeções do Biólogo William Laurance, às margens de uma estrada como a Cuiabá-Santarém, aberta nos anos 70 e cuja pavimentação está prevista no Avança Brasil, o desmatamento pode espalhar-se por até 200 quilômetros lateralmente ao asfalto. No caso das hidrelétricas, o avanço sobre a mata alcança uma extensão de até 25 quilômetros a partir das bordas dos reservatórios. Considerando o potencial de devastação de cada obra, a equipe projetou os totais desmatados. Para montar o cenário otimista, definiu-se a possibilidade de preservação de todas as reservas já existentes na Amazônia, florestais e indígenas. Na hipótese pessimista, calcula-se que os limites não serão respeitados em reservas à margem das estradas, por exemplo. O estudo conclui que as obras do Avança Brasil poderão incrementar em até um quarto os 20 000 quilômetros quadrados devastados todos os anos na floresta, totalizando uma superfície maior do que a do Estado de Sergipe podada a cada ano.

Instrução:

Conteste ou concorde com o texto acima, utilizando, para tanto, a experiência acumulada com outras leituras e com observações pessoais sobre a realidade de nossa região.

TEMA N.º 3

Texto de apoio: fragmento do artigo “**Brasil, País dos Ritmos**”, de Sebastião Gil, constante do livro *Música Popular Brasileira – uma introdução*.

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em termos de ritmos musicais. No Rio de Janeiro, o coração da pátria, temos o samba e o choro; em Pernambuco, encontram-se o maracatu e o frevo; no Maranhão, as toadas de bumba-meu-boi. Isso sem falarmos na chamada “música de raiz”, das cidades do interior de São Paulo, Goiás e Mato Grosso.

Alguns desses ritmos, ao longo do tempo, se transformaram naturalmente; outros deixaram de existir em função da própria sociedade brasileira se ter modificado. É o caso do lundu e do maxixe, hoje apenas curiosidades musicais praticadas por alguns compositores. Que pena!

Sendo tão ricos em termos de música, podendo escolher entre uma gama de gêneros, os brasileiros voltam as costas à tradição e cultivam o que é estrangeiro, a tal ponto que em festivais de música brasileira aparecem o jazz, o blue e o rock'n roll. Há mesmo, na cabeça de nossa juventude, a idéia de que ser “roqueiro” é ser avançado, é ser inteligente. Cultivar o samba só vale um pouco a pena se for samba-de-enredo, por causa do Carnaval. O choro, o frevo... nem pensar! É coisa de gente atrasada.

Os meios de comunicação são, em parte, responsáveis por isso. Divulgam a idéia de que o rock é o ritmo universal, quando, na verdade, isso não existe. A chamada música universal é, na verdade, o regional de alguém que predomina economicamente sobre os demais países. Sendo mais explícito: como os Estados Unidos – a “polícia” do mundo – têm muito dinheiro, conseguem impor seus gostos e sua tradição aos países periféricos. Nesse sentido, o Brasil é apenas uma colônia cultural do Tio Sam e “artistas” como Rita Lee e Supla são tão-somente uns subservientes, uns capachos do imperialismo.

Instrução:

Desenvolva sua redação concordando ou contestando o texto acima. A exposição implica a defesa de suas opções musicais.